

História digital e cultura histórica: Hiroshima como patrimônio histórico através da UNESCO

Digital history and historical culture: Hiroshima as historical heritage through UNESCO

Dionson Ferreira Canova Júnior,¹ UFPE
Alvanir Ivaneide Alves da Silva,² UFRPE

Resumo

Este artigo analisa a representação do Memorial da Paz de Hiroshima (*Genbaku Dome*) como patrimônio mundial, utilizando os conceitos de História Digital e Cultura Histórica. A adoção de novas tecnologias na pesquisa histórica transforma o acesso, a preservação e a interpretação do passado, facilitando a digitalização de documentos e promovendo uma interação mais dinâmica com o patrimônio. O *Genbaku Dome* é uma testemunha das catástrofes do século XX, refletindo a relação entre memória e a maneira como a sociedade lida com seu passado. Embora a digitalização amplie o alcance deste patrimônio, ela também apresenta desafios metodológicos para os historiadores. Ferramentas digitais, como o *software Tropy*, mostram como a tecnologia pode melhorar a catalogação e análise de acervos, destacando a importância da História Digital na preservação e construção de memórias coletivas, com um enfoque rigoroso na validação das fontes.

Palavras-chave: Cultura histórica; História digital; Patrimônio histórico; Hiroshima.

Abstract

This article analyzes the representation of the Hiroshima Peace Memorial (*Genbaku Dome*) as a world heritage site, utilizing the concepts of Digital History and Historical Culture. The adoption of new technologies in historical research transforms access, preservation, and interpretation of the past, facilitating the digitization of documents and promoting a more dynamic interaction with heritage. The *Genbaku Dome* serves as a witness to the tragedies of the 20th century, reflecting the relationship between memory and the ways society deals with its past. Although digitization expands the reach of this heritage, it also presents methodological challenges for historians. Digital tools, such as the *Tropy* software, demonstrate how technology can enhance the cataloging and analysis of collections, highlighting the importance of Digital History in the preservation and construction of collective memories, with a rigorous focus on source validation.

Keywords: Historical culture; Digital history; Historical heritage; Hiroshima.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorando pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestra em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e doutoranda pela mesma instituição.

Introdução

O presente artigo visa analisar como o Memorial da Paz de Hiroshima (*Genbaku Dome*), no Japão, está representado sob a ótica do patrimônio histórico mundial através de análise conceitual da História Digital e Cultura Histórica. A inserção das novas tecnologias na ciência histórica, especialmente através da História Digital, tem ampliado a maneira como os historiadores acessam, preservam e interpretam o passado. Ao digitalizar e disponibilizar registros fotográficos e outros documentos históricos nas mídias, cria-se um novo espaço de interação com o patrimônio, permitindo que pesquisadores e o público geral explorem e ressignifiquem memórias históricas de forma acessível e dinâmica. Esse processo não apenas facilita a preservação de patrimônios culturais distantes fisicamente, como o patrimônio mundial do Memorial da Paz de Hiroshima, mas também amplia o alcance das fontes, promovendo novos olhares sobre o passado e oferecendo suporte ao trabalho historiográfico na era digital.

Destarte, perceber o *Genbaku Dome* como um lugar de memória permite compreender o monumento por meio de sua simbologia e testemunhos, a partir das experiências, da produção de sentidos, interpretações e percepções na relação do ser humano com o tempo e o espaço. O Memorial da Paz de Hiroshima, enquanto instituição, evoca um passado que permanece presente, em que sua arquitetura é uma testemunha das catástrofes e traumas do século XX, mas que também possibilita refletir sobre a Cultura Histórica e o Ensino de História no tempo presente.

Cultura histórica e lugares de memória: discussões conceituais

As formas como o homem produz sentido e intenção ao se relacionar com a temporalidade permitem a criação de experiências e interpretações sobre o passado no tempo presente. A relação do homem com o tempo e o espaço — seja individualmente ou coletivamente — e o modo de compartilhar experiências, produzir sentido e interpretações sobre a representação do passado constituem a cultura histórica. Todo acontecimento gera experiências e, por meio delas, o ser humano se orienta em sua vida prática.

Grever e Adriaansen (2017) discutem o conceito de cultura histórica como uma prática da sociedade para lidar com o passado. Contudo, esse conceito não aborda apenas um contexto de temporalidade, mas também a própria historicidade e a realidade do indivíduo. Além disso, essas discussões são fundamentadas nas concepções sobre memória e história, em articulação com a narratividade. Os autores apresentam o conceito de cultura histórica, que

contém três níveis de análise que são dependentes e interativos: a) narrativas históricas e performances do passado; b) infraestruturas mnemônicas; e c) concepções subjacentes da história.

Iniciando as discussões, Grever e Adriaansen (2017, p. 75) afirmam que, na década de 1990, a cultura histórica se tornou uma categoria central na didática da história, com Jörn Rüsen como seu principal teórico. Rüsen destacou que a aprendizagem histórica possui um lado interno, a consciência histórica (individual), e um lado externo, a cultura histórica, que abrange as instituições que formam a estrutura do aprendizado histórico. Para os autores, a cultura histórica trata da expressão da consciência histórica na sociedade, abrangendo escolas, diretrizes governamentais, livros didáticos, museus, exposições e mídias que abordam temas históricos.

Sob a perspectiva de instituições e disseminação de memórias, percebemos a dimensão histórica do conceito. As relações do homem com o tempo histórico promovem novas significações. A cultura histórica é uma manifestação da consciência histórica. A memória cultural e a memória histórica atuam nesse processo consciente e inconsciente de relação com o passado. Lidar com o passado reflete nas problematizações do tempo presente. Assim, não há uma cultura histórica que esteja ausente na formação da identidade do ser humano.

Rüsen (2022) afirma que a cultura histórica projeta a História em um construto que envolve a memória histórica. Para Rüsen (2022, p. 28), tal conceito pode ser definido como “a articulação prática e eficaz da consciência histórica na vida de uma sociedade”. Assim, a memória coletiva integra formas diversas de tratar e manejar o passado, a partir de diversos elementos que, além de fazerem parte do ensino escolar, adentram também na esfera pública, como patrimônio e museus, por meio de uma experiência histórica.

Quando refletimos sobre o passado e sua interpretação no tempo presente, consideramos diversos aspectos que contribuem para a construção da memória histórica. Logo, tratar do patrimônio permite preservar a memória social, proporcionar um sentido de continuidade e identidade, e oferecer uma conexão com o passado. Essa conexão é crucial para a formação da identidade cultural e para a preservação do legado das sociedades.

Cultura histórica é orientação, interpretação e percepção. Segundo Rüsen (2014, p. 182-184), a orientação busca, a partir das vivências próximas, construir sentidos. Esse sentido (significado) parte da transformação da vida humana em relação a si mesma e ao mundo. Interpretar lida diretamente com a ordem temporal à qual o indivíduo está submetido, organizando o contexto histórico entre a experiência e a expectativa, mediante o

desenvolvimento de uma orientação cultural. Por último, segundo o autor, a percepção trata do sentido como uma porta de entrada do mundo exterior na subjetividade humana. Nesse sentido, de acordo com Rüsen (2022, p. 28), “cultura histórica significa, pois, uma determinada maneira de manejo interpretativo do tempo, maneira essa que produz ‘História’ como conteúdo da experiência, produto da interpretação, critério de orientação e estabelecimento de metas”.

A forma como a cultura histórica atua sobre o passado é importante para pensar sua relação com a produção da realidade a partir das experiências e interpretações. Quando o ser humano lida diretamente com situações-limite, há diversas estruturas que manejam a forma como essa representação produz significados e ressignificados. Entre a amnésia e a narração como uma construção pessoal contra o esquecimento, o patrimônio lida constantemente com o futuro. Embora suas problematizações se enquadrem no tempo presente, o futuro se coloca como um dos principais objetivos na relação entre o ser humano e sua vida cultural. O patrimônio, enquanto testemunha das catástrofes e das lembranças difíceis, encontra no tempo uma maneira de se relacionar com a história e com a sociedade.

Nora (1993), ao tratar dos lugares de memória, nos apresenta um conceito importante para pensar a memória de um grupo resguardada em um espaço no qual pode ser mantida. Não é meramente um local em que a história esteja, mas um espaço onde a memória permaneça perpetuada diante do esquecimento. Como lugar de memória, há seu próprio testemunho e o daqueles que, em seu tempo, ao caminharem sobre tais locais, desenvolvem sua própria experiência de um passado que não voltará, mas que se tornou um produto de sua realidade.

A ideia de Nora sobre tal conceito nos indica dois pontos: preservação e ressignificação. Esses lugares são marcados por intencionalidades, simbolizando o elo entre o tempo e o espaço. Como lugares de memória, percebemos não apenas um monumento preservado e dedicado à perpetuação de memórias, mas também os sujeitos que, diante desses espaços, buscam ser parte dessas lembranças, desses traços do vivido. Ao visitar e revisitar esses locais, produzem novas experiências e discursos.

Assim, pode a cultura histórica estar presente nos lugares de memória? Primeiramente, será abordado o conceito que Pierre Nora desenvolveu. De acordo com Nora (1993, p. 12-13), “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção”. Os lugares de memória carregam

consigo simbolismos, por meio das experiências compartilhadas, e pela relação com a história, através do trabalho historiográfico. São espaços de reconstituição da história e da memória. São vestígios do passado que atuam como testemunhas no presente. Logo, um monumento, um patrimônio carregado de lembranças sensíveis e de traumas que caminham entre o dizível e o indizível, constitui um local de pertencimento para uma sociedade.

Esse pertencimento evoca um significado de reconhecimento. Transmite sentido, interpretação e percepção das experiências compartilhadas e das memórias ressignificadas. Os lugares de memória são espaços referenciais de uma sociedade em relação à sua memória coletiva. Carregam em si a intencionalidade de seu objeto. Assim, a relação entre cultura histórica e lugares de memória permite uma reflexão crítica sobre o passado, promovendo um diálogo acerca das formas como essa temporalidade é compreendida. Nesse sentido,

[...] historical culture is a holistic meta-historical concept that opens the investigation of how people deal with the past. The term “historical” refers to past events, including thoughts and ideas. The term “culture” comprises shared attitudes, values and perceptions of a group of people. The concept of historical culture encompasses not only the specific contents of collective memory and historical imagination but also the ways in which relationships to the past are established in a dynamic interaction between human agency, tradition, performance of memory, historical representations and their dissemination, including the presumptions about what constitutes history (Grever; Adriaansen, 2017, p. 77-78).³

A relação entre cultura histórica e lugares de memória é essencial para entender como determinada sociedade lida com seu passado, assim como as dimensões nas quais a memória é moldada e perpetuada em determinados espaços. Cada lugar de memória é um espaço, local ou território com intenções e sentimentos. O Memorial da Paz de Hiroshima (*Genbaku Dome*) reflete não somente a maneira como os japoneses lidam com seu passado, mas também como os monumentos permitem uma (re)construção efetiva da memória traumática e da relação do homem consigo mesmo e com o mundo.

³ Tradução: [...] cultura histórica é um conceito meta-histórico holístico que abre a investigação sobre como as pessoas lidam com o passado. O termo "histórico" refere-se a eventos passados, incluindo pensamentos e ideias. O termo "cultura" abrange atitudes, valores e percepções compartilhados por um grupo de pessoas. O conceito de cultura histórica engloba não apenas os conteúdos específicos da memória coletiva e da imaginação histórica, mas também as formas como as relações com o passado são estabelecidas em uma interação dinâmica entre a ação humana, a tradição, a performance da memória, as representações históricas e sua disseminação, incluindo as pressuposições sobre o que constitui a história (Grever; Adriaansen, 2017, p. 77-78, tradução nossa).

História digital: debatendo a representação do patrimônio nas mídias e seu uso como fonte histórica

Levando em consideração que o Memorial da Paz de Hiroshima, declarado em 1996 como Patrimônio Mundial pela Unesco, sendo a única estrutura japonesa que se manteve de pé na área onde a primeira bomba atômica explodiu em 1945, possui atualmente registros fotográficos preservados na mídia através do *site* da UNESCO (1996).⁴ Nesse ponto, ao fazermos uso dele neste artigo, como fonte histórica disponibilizada no meio digital, abrimos espaço para pensarmos as contribuições do campo da História Digital neste texto.

Segundo, Cohen *et al.* (2008, p. 454), a História Digital pode ser definida com:

Uma abordagem para examinar e representar o passado que funciona em conjunto com as novas tecnologias de comunicação computadorizadas, a rede da Internet e os sistemas de software. Em um nível, a história digital é uma arena aberta de produção e comunicação acadêmica, abrangendo o desenvolvimento de novos materiais didáticos e coleções de dados acadêmicos. Por outro lado, trata-se de uma abordagem metodológica enquadrada pelo poder hipertextual dessas tecnologias em fazer, definir, consultar e anotar associações no registro humano do passado. Fazer história digital, então, é criar uma estrutura, uma ontologia, através da tecnologia para as pessoas experimentarem, lerem e seguirem uma discussão sobre um problema histórico.

Assim sendo, refletir sobre a rememoração, o acesso e a preservação dos registros do passado por meio das mídias, possibilita ao historiador investigar o contexto de localização do patrimônio digitalizado, as informações representadas e as formas de transmissão de uma memória socialmente salvaguardada em formatos digitais.

Na medida que o historiador faz uso das tecnologias digitais para pesquisar, escrever, difundir e ensinar acerca do passado, ele está fazendo uso das concepções da História Digital. Nessa perspectiva, Carvalho (2013) afirma que a História Digital é um campo de estudos que visa representar, ensinar e produzir questões históricas utilizando as mídias digitais.

Para Noiret (2015, p. 2) a História Digital é um “complexo universo de produções e intercâmbios sociais que tem como objetivo o conhecimento histórico transferido e gerado diretamente e experimentado em ambientes digitais”, abrangendo etapas de investigação, de acesso a acervos virtuais, de organização de dados e informes, assim como, da construção e divulgação das aprendizagens históricas.

Por conseguinte, através da História Digital, Andrade (2023, p. 9) aponta que:

⁴ Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/775/>. Acessado em: 25 set. 2024.

[...] os historiadores se depararam com a massiva preservação de uma memória artificial eletrônica que assegura a reprodução de textos, manuscritos e de acervos que fazem parte do patrimônio cultural das sociedades e estão em vias de se deteriorar ou são de difícil acesso para pesquisadores, assim como para o público em geral.

Nesse ponto, como a materialidade do Memorial da Paz de Hiroshima está fisicamente distante de nós, já que escrevemos este artigo no Brasil, para acessarmos e analisarmos os registros fotográficos do local, fazemos uso das ferramentas digitais, diante disso, cabe a nós refletirmos acerca do que Brasil e Nascimento (2020, p. 200) chamam de “rematerialização em um duplo aspecto”.

Os historiadores destacam que:

Quando um registro histórico — seja ele um manuscrito, uma carta, uma edição de jornal, uma foto, um livro etc. — converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial. Apesar de a informação contida na fonte continuar “sendo a mesma” — no sentido de que a digitalização não alteraria substancialmente o conteúdo do registro histórico —, podemos dizer que a modificação na “materialidade” da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida (Brasil; Nascimento, 2020, p. 201).

Assim, é possível pensarmos essa rematerialização do patrimônio em dois sentidos, primeiro como uma cópia digitalizada, pois o mesmo não foi acionado essencialmente em formato digital, mas transferido para ele. Nesse ponto, Brasil e Nascimento (2020) apontam que toda cópia digitalizada, para que realmente seja fidedigna ao patrimônio real, deve ter seu conteúdo estável no que se refere a sua procedência, para que sua digitalização seja realmente bem sucedida e pertinente ao trabalho historiográfico.

Em segundo, o patrimônio transposto para uma nova materialidade, a digital, adquire um caráter de reprodutividade, pois toda fonte histórica disponível na internet, está à mercê da realização de inúmeras cópias, o que possibilita uma ampliação de seu acesso. Acervos fotográficos, por exemplo, ganham representações medidas em pixels e podem ser disponibilizadas em *sites* de acesso público ou privado.

Além da representação do patrimônio por meio de acervos fotográficos digitais, Baca (2008) aponta que referente à imagem é instaurado a presença de metadados, que são informações complementares sobre o conteúdo representado nas fotografias, sobre autores, local de produção e sobre a estrutura da informação preservada e divulgada. Assim sendo, são

os metadados que contextualizam as informações do patrimônio digitalizado e conferem veracidade ao acervo.

No caso do Memorial da Paz de Hiroshima, essa digitalização coloca na mídia registros fotográficos que proporcionam o diálogo e a recuperação de uma memória traumática, apresentando imagens da destruição gerada pela bomba atômica, sendo acompanhada dos nomes dos autores e do local onde as fotografias foram realizadas, tornando o conjunto de fotografias em um acervo digital.

Diante desses metadados disponibilizados nos registros fotográficos, os historiadores Brasil e Nascimento (2020) apontam que para a pesquisa historiográfica, é preciso investigá-los, verificá-los e revisá-los, para que realmente seja comprovado a veracidade das informações referentes ao patrimônio disponível nas mídias.

Por conseguinte, pensando na veracidade do material digitalizado, Maynard (2016) aponta que o primeiro desafio a respeito da digitalização é a preservação fidedigna do patrimônio. O historiador destaca que há décadas fontes são digitalizadas sob a óptica de que sua salvaguarda é essencialmente necessária.

Ayres (2001, p. 6), destaca que:

Esses projetos [de arquivos digitalizados], exibindo coleções de dados numéricos, textos, imagens, mapas e sons, criam grandes repositórios, proporcionando espaços nos quais os usuários fazem conexões e descobertas por si mesmos. Tais arquivos aproveitam a massa, a multiplicidade, a velocidade, a reiteração, a reflexividade e a precisão oferecidas pelos computadores.

Nessa perspectiva, levando em consideração os acervos e bancos de dados online disponíveis na atualidade, observamos uma vasta quantidade de registros de renomados lugares de memória ao redor do mundo, armazenados de forma flexível, o que possibilita a materialidade do passado de inúmeras formas, física e digital. Diante dessa reflexão, vale a pena destacar que, de acordo com Reis, Serres e Nunes (2015), o patrimônio digitalizado não se sobressai do físico, mas proporciona novas experiências e significados.

Em continuidade, a digitalização do patrimônio ou do lugar de memória, se torna um vetor de interações para a pesquisa histórica, pois as informações digitalizadas proporcionam buscas que instigam os historiadores a pensarem sobre como pesquisar, escrever e ensinar memórias sensíveis e sociais diante da abundância de fontes disponíveis nas mídias, o que também requer cautela e argumentos rigorosos de acesso e análise.

Nesse ponto, Lucchesi (2014, p. 52) ressalta que “nem as tecnologias, nem a História Digital operam uma ruptura radical com estas bases, antes acrescentam nova mobília e ferramentas à oficina da história, mas os fundamentos da disciplina continuam os mesmos”. Desse modo, a história escrita a partir da análise de fontes digitais, continua sendo uma operação que exige rigor metodológico, no entanto, com possibilidades de acesso a essas fontes, como o Memorial da Paz de Hiroshima, de maneira mais veloz e ágil.

Percurso Metodológico: *Software Tropy*

Para construção deste artigo, utilizamos como fonte histórica, para discutir cultura histórica frente às memórias sensíveis, o acervo fotográfico do Patrimônio Mundial - Memorial da Paz de Hiroshima - disponibilizado na mídia através do site da UNESCO. O acervo em sua originalidade é composto por 17 imagens, diante disso, foi necessário reunir e selecionar algumas das imagens fotográficas do patrimônio para o desenvolvimento desta pesquisa, para isso, fizemos uso de um *software* que gerencia e descreve fotografias de materiais de pesquisa, o *Tropy*.⁵

Levando em consideração que o campo da História Digital contribuiu para nossa pesquisa, na medida que possibilitou o acesso a nossa fonte histórica de análise, dada em espaço digital. Também a utilizamos para fazer o armazenamento e catalogação das fotografias a partir da ferramenta *Tropy*.

Segundo Rey e Cordeiro (2023, p. 76), o *software Tropy*:

[...] *fue diseñado de manera específica para su uso por parte de historiadores y permite el trabajo con diferentes tipos de archivos de imagen, así como su contextualización de acuerdo con el conocimiento científico de quien lo maneja, a través de una serie de templates de metadatos fácilmente adaptables de acuerdo con los presupuestos de la investigación: Tropy Generic, Tropy Correspondence y Dublin Core.*⁶

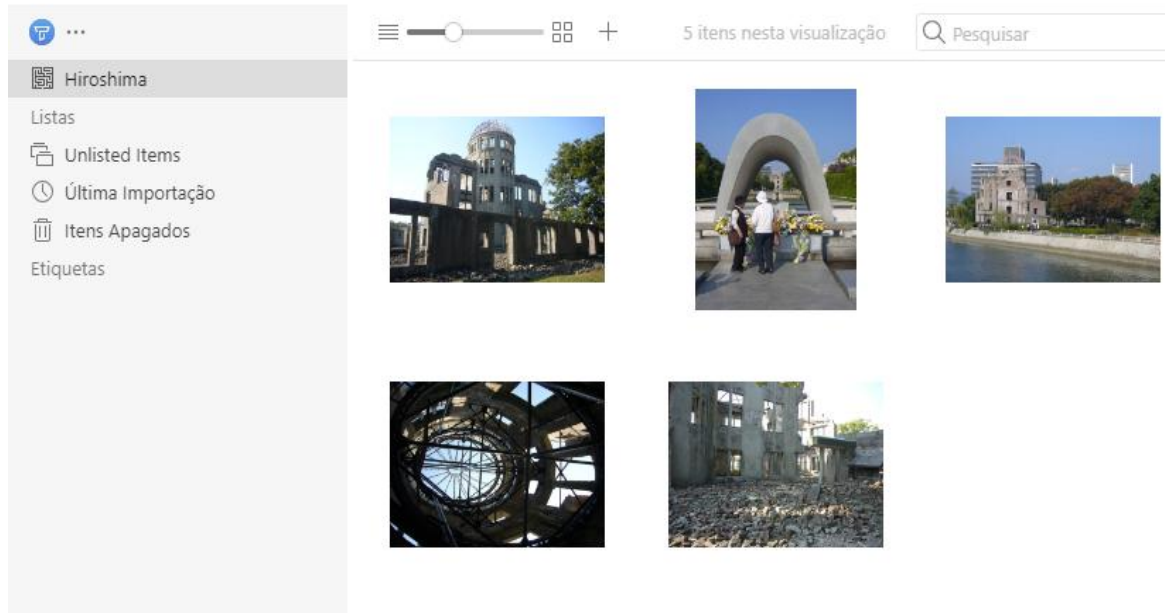
As imagens importadas para o *Tropy* podem ser agrupadas em itens individuais ou coletivos, descritas com metadados que podem ser aplicadas em lote ou ajustadas com os modelos de metadados personalizados. Além disso, podem ser anotadas com notas de pesquisa e organizadas conforme o template de categorização escolhido pelo historiador.

⁵ Disponível para download em: <https://tropy.org/>. Acessado em: 27 set. 2024.

⁶ Tradução: Foi projetado de maneira específica para o uso por historiadores e permite o trabalho com diferentes tipos de arquivos de imagem, assim como sua contextualização de acordo com o conhecimento científico de quem o manuseia, através de uma série de templates de metadados facilmente adaptáveis de acordo com os pressupostos da pesquisa: *Tropy Generic, Tropy Correspondence e Dublin Core*. (Rey; Cordeiro, 2023, p. 76, tradução nossa).

Inicialmente, diante das 17 imagens, fizemos a seleção de 5 para construirmos nosso próprio metadados e garantir que não perderíamos o acesso das fontes futuramente. O título que demos ao Projeto referente a nossa pesquisa foi “Hiroshima”, como podemos observar

Imagem 1 – Projeto *Tropy* (Hiroshima)



logo abaixo.

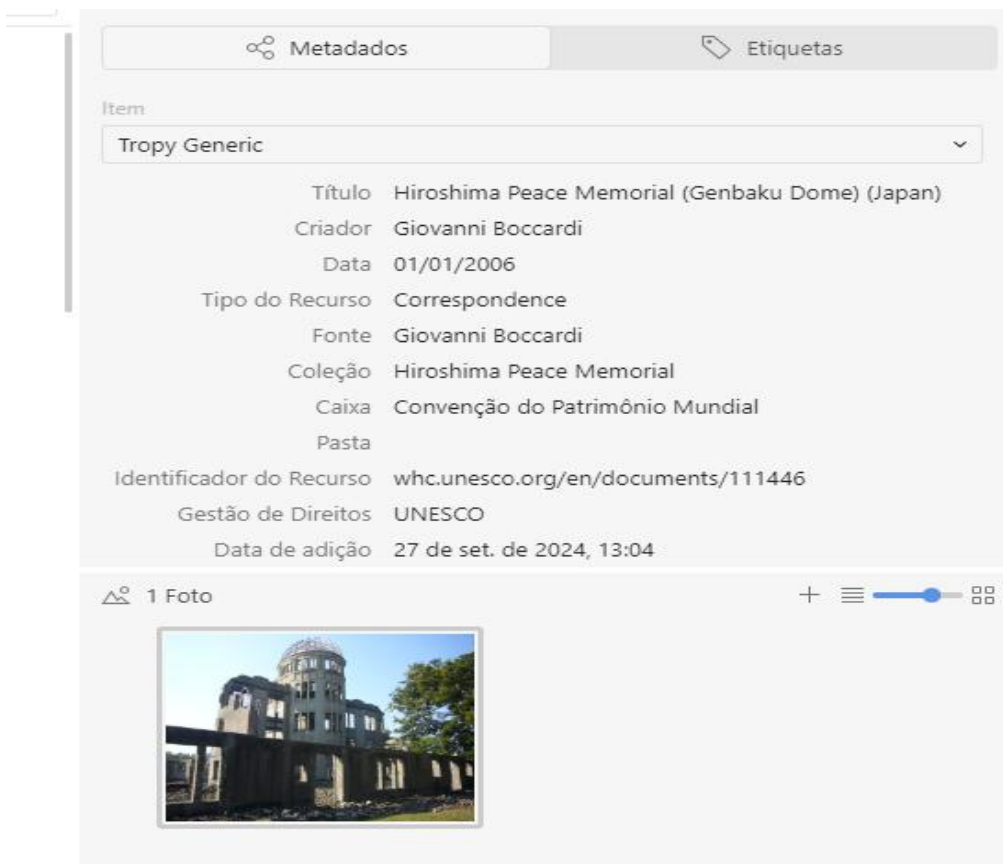
Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: *Tropy* funcionando em um sistema operacional *Windows*.

Através da imagem 1, podemos ver na lateral esquerda da janela do *Tropy* o título do projeto criado para empreender a catalogação do acervo e a organização das imagens que podem ser em formato de barras ou ícones. Esta ferramenta requer um trabalho mais manual do historiador e para estruturamos o projeto, foi necessário fazermos o download das imagens de forma individual, depois a importação delas para o *software*.

Como exemplo prático da catalogação que realizamos, a seguir mostraremos os metadados da primeira imagem do Projeto.

Imagem 2 - Metadados do Projeto Hiroshima



Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: *Tropy* funcionando em um sistema operacional *Windows*.

Os metadados foram inseridos manualmente, para realizá-los foi necessário clicarmos na imagem, assim fomos direcionados para a aba informativa, onde pudemos inserir as principais informações da fotografia. Desse modo, na imagem 2 podemos observar informações que incluímos como a data de publicação, a autora, o site de hospedagem na *web*, o ano de publicação, etc. Nele também é possível inserir Notas, que são descrições detalhadas do que se trata a imagem. Além disso, tudo que inserimos no *Tropy* é auto salvável.

Ao fazermos uso da ferramenta *Tropy* neste artigo, realizamos a parte prática que condiciona o ofício do historiador, tendo em vista que o *software* opera como uma ferramenta que atua nos bastidores da operação historiográfica, além de nos permitir organizar e descrever as imagens digitais da pesquisa, tendo em vista seu gerenciamento, também nos possibilitou compartilhar o projeto entre si, para isso, foi necessário exportar o projeto, que pode então ser aberto por outros usuários do *Tropy*.

Em continuidade, achamos necessário apresentarmos neste tópico o percurso metodológico utilizado a partir da aplicabilidade do método digital, tendo em vista que, Gibbs e Owens (2013, p. 159) afirmam que:

[...] novos métodos usados para explorar e interpretar dados históricos exigem um novo nível de transparência metodológica na escrita histórica. Exemplos incluem discussões de consultas de dados, fluxos de trabalho com ferramentas específicas e a produção e interpretação de visualizações de dados. No mínimo, as publicações de pesquisa dos historiadores precisam refletir novas prioridades que explicam o processo de interfacear, explorar e, em seguida, compreender as fontes históricas de uma forma fundamentalmente digital - ou seja, a hermenêutica dos dados.

Não obstante, as possibilidades de gerenciamento de imagens e a salvaguarda de fontes históricas, nos permite relevância e praticidade ao tratamento, análise e escrita da história. Na atualidade existem *softwares* e aplicativos de inúmeras funcionalidades e realizar reflexões mais aprofundada sobre seus aspectos teórico-metodológicos é etapa imprescindível de nosso ofício.

Genbaku Dome: patrimônio e ensino de história

Patrimônios que se tornam monumentos carregados de memórias e pertencimento de uma sociedade são lembranças vivas que simbolizam as experiências e a identidade coletiva. O *Genbaku Dome* é um patrimônio nipônico que nos faz repensar as memórias sensíveis que são compartilhadas e vividas. Construído em 1914 e inaugurado no ano seguinte, o *Hiroshima Prefectural Industrial Promotion Hall* (Salão de Promoção Industrial da Prefeitura de Hiroshima) era um edifício projetado para promover o desenvolvimento industrial da região de Hiroshima e servia como um centro de exposições e atividades relacionadas ao comércio e à indústria local. No edifício, produtos locais eram exibidos e comercializados, e ele também servia como salão de exposições públicas e galeria de arte. Destruído em 1945 pela bomba atômica, tornou-se um monumento, cujo memorial simboliza a preservação da capacidade destrutiva do ser humano e, por outro lado, a esperança de que armas nucleares não sejam mais utilizadas.

O Memorial da Paz de Hiroshima é administrado pela cidade de Hiroshima sob a orientação do Governo da Prefeitura de Hiroshima e do Governo do Japão, por meio da Lei Japonesa de 1950 para a Proteção de Propriedades Culturais. Em 1996, foi inscrito como

patrimônio mundial através do critério VI.⁷ Em relação a este critério específico, a UNESCO aborda que:

[...] to be directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literary works of outstanding universal significance. (The Committee considers that this criterion should preferably be used in conjunction with other criteria) (UNESCO, s.d.).⁸

Conforme mencionado acima, o critério VI é utilizado para o *Genbaku Dome* no que diz respeito à sua simbologia e sua capacidade de testemunhar, sendo o único edifício existente diante da explosão da bomba nuclear. Em relação à sua simbologia, trata da esperança de que armas nucleares não sejam mais proliferadas, considerando sua capacidade destrutiva tanto para a humanidade quanto para a paisagem cultural e natural. Como evento histórico, os bombardeios nucleares em Hiroshima e Nagasaki mataram mais de 200 mil pessoas; os civis afetados, quando não morriam, ficavam com sequelas decorrentes das explosões e/ou da radiação.

É importante mencionar que a *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS),⁹ uma organização internacional não governamental dedicada à conservação de sítios e monumentos no mundo e associada à UNESCO, elaborou, em 2020, seu segundo documento de discussão intitulado *Sites associated with memories of Recent Conflicts and the World Heritage Convention* (Sítios associados a memórias de conflitos recentes e a Convenção do Patrimônio Mundial). A iniciativa, encorajada pelo Comitê do Patrimônio Mundial, visa explorar como a Convenção se aplica a esses tipos de lugares, que carregam memórias de conflitos mais recentes, e como eles se alinham com os objetivos e conceitos centrais da Convenção. O ICOMOS também aborda a dificuldade de conciliar as características desses sítios, como o valor simbólico e histórico, e os novos tipos de patrimônio, como os que surgem de conflitos recentes.

Da mesma forma, a UNESCO, em 2018, abordou sobre estes locais traumáticos por meio de um estudo sobre *Interpretation of Sites of Memory* (Interpretação de Lugares de Memória). O documento aborda que o Centro do Patrimônio Mundial elaborou seis termos de referência que orientam o estudo. Segundo a UNESCO (2018, p. 3), o primeiro ponto consiste

⁷ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/criteria/>>. Acesso em: 25 set. 2024.

⁸ Tradução: estar diretamente ou tangivelmente associado a eventos ou tradições vivas, a ideias ou crenças, a obras artísticas e literárias de significativa importância universal. (O Comitê considera que este critério deve ser preferencialmente utilizado em conjunto com outros critérios). (UNESCO, s.d., tradução nossa).

⁹ Disponível em: <https://www.icomos.org/images/ICOMOS_Second_discussion_paper_Sites_associated_with_memories_of_recent_conflicts.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

em revisar as teorias e modelos existentes de interpretação do patrimônio, com o objetivo de desenvolver métodos que auxiliem tanto os Estados membros quanto o Comitê do Patrimônio Mundial a tomar decisões informadas sobre como preservar e comunicar esses sítios. A partir dessa revisão, busca-se compreender de que forma a inscrição de um sítio na Lista do Patrimônio Mundial pode impactar a interpretação desses locais por diferentes gerações, tanto no presente quanto no futuro, refletindo sobre como os valores culturais e históricos são transmitidos e percebidos ao longo do tempo.

Em seguida, a UNESCO (2018, p. 3) discute os desafios e as oportunidades na interpretação de sítios culturais sensíveis, especialmente aqueles relacionados à memória histórica. Esses lugares frequentemente carregam significados profundos para os visitantes e para o público em geral, mas também podem gerar tensões, especialmente quando surgem visões conflitantes sobre os valores que o sítio representa. Por fim, aborda a questão ética, pois a interpretação e apresentação desses sítios de memória exigem um cuidado especial com as abordagens utilizadas. Além disso, é necessário refletir sobre as melhores práticas de interpretação, não apenas no contexto dos bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial, mas também em qualquer sítio cultural significativo, já que uma interpretação adequada é essencial para preservar o valor histórico e cultural de um lugar.

Como testemunha, o Memorial (imagem 3) é uma memória permanente do ocorrido para a sociedade japonesa, quando uma bomba atômica foi utilizada pela primeira vez em um conflito, primeiro em Hiroshima e posteriormente em Nagasaki. O Memorial da Paz também é a única testemunha que permaneceu de pé após a explosão, entre tantas instituições. É uma estrutura silenciosa, mas que evoca diversos discursos, sentidos, percepções e interpretações. Sua estética evidencia um enorme significado sobre a destruição, perpetua as memórias de um trauma, uma catástrofe e a quebra da realidade na sociedade japonesa, mas também representa reconstrução e esperança. Um exemplo disso é o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), um acordo internacional firmado em 1968, com o objetivo de prevenir a disseminação de armas nucleares, promover o desarmamento nuclear e fomentar a cooperação no uso pacífico da energia nuclear.

Imagem 3 – Genbaku Dome (Memorial da Paz de Hiroshima)

Fonte: UNESCO/Giovanni Boccardi.

Por meio da ICOMOS, a instituição recomendou, em uma avaliação consultiva realizada em 1996,¹⁰ que o local se tornasse patrimônio mundial, ao mencionar que:

The Hiroshima Peace Memorial. Genbaku Dome, is a stark and powerful symbol of the achievement of world peace for more than half a century following the unleashing of the most destructive force ever created by humankind (ICOMOS, 1996, p. 117).¹¹

Os monumentos desempenham um papel fundamental na forma como a representação do passado é transmitida. Eles não são apenas estruturas físicas, mas produtos de uma realidade que lidam com a cultura e a identidade de uma sociedade por meio de orientação, percepção e interpretação. Neste mesmo documento, o *Genbaku Dome*, conforme o artigo 1 da Convenção do Patrimônio Mundial de 1972, configura-se como um monumento. Nesse sentido:

[...] monuments: architectural works, works of monumental sculpture and painting, elements or structures of an archaeological nature, inscriptions, cave dwellings and combinations of features, which are of outstanding

¹⁰ Disponível em: <https://whc.unesco.org/document/154242>. Acesso em: 25 set. 2024.

¹¹ Tradução: O Memorial da Paz de Hiroshima, Genbaku Dome, é um símbolo marcante e poderoso da conquista da paz mundial por mais de meio século após a liberação da força mais destrutiva já criada pela humanidade (ICOMOS, 1996, p. 117, tradução nossa).

universal value from the point of view of history, art or science (UNESCO, 2023, p. 3).¹²

A definição de monumento acima é puramente conceitual. O Memorial da Paz de Hiroshima torna-se o símbolo que é devido ao bombardeio, e transforma-se em patrimônio por causa do evento traumático. Apesar de seu valor arquitetônico, é imprescindível não esquecer seu caráter doloroso, que carrega consigo memórias de sofrimento e, ao mesmo tempo, é um local para honrar aqueles que se foram devido à tragédia, buscar reparação e promover a pacificação. Assim, segundo ICOMOS (2020, p. 11):

Sites associated with memories of recent conflicts are usually promoted for recognition once a conflict has ceased. The memories associated with them may reflect acts of memory, or knowledge of the past upon which a group sense of unity or individuality is, or might be, based. These memories may also arise from a process of memorialisation, in which memories are actively recognized or preserved through the development of some sort of formal commemoration of their associations, such as ceremonies, defining and protecting sites, or building memorials. Such a memorialisation process might be formalised at a national or even international level.¹³

Monumentos dialogam constantemente com o Ensino de História, permitindo que as gerações futuras aprendam sobre eventos e períodos históricos. Estudar patrimônio na formação básica aproxima os estudantes das fontes. Hartog (2006) destaca que o século XX foi caracterizado por uma intensa construção do futuro, ao mesmo tempo em que houve uma ampliação do presente, que se tornou invasivo e onipresente, moldando constantemente o passado e o futuro.

Hartog (2006) destaca que desde a década de 1960, esse presente se tornou inquieto e obcecado pela memória, substituindo a confiança no progresso pela necessidade de preservação. Essa busca por proteger nossa identidade e legado se reflete em uma abordagem museológica do cotidiano, onde desejamos arquivar o presente como se fosse passado. O patrimônio agora define nossa identidade, e a patrimonialização se tornou uma marca

¹² Tradução: monumentos: obras arquitetônicas, obras de escultura e pintura monumental, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações em cavernas e combinações de características que possuem valor universal excepcional do ponto de vista da história, arte ou ciência (UNESCO, 2023, p. 3, tradução nossa).

¹³ Tradução: Sítios associados a memórias de conflitos recentes geralmente são promovidos para reconhecimento uma vez que o conflito tenha cessado. As memórias associadas a eles podem refletir atos de memória, ou conhecimento do passado sobre o qual um senso de unidade ou individualidade de um grupo é, ou pode ser baseado. Essas memórias também podem surgir de um processo de memorialização, no qual as memórias são ativamente reconhecidas ou preservadas através do desenvolvimento de algum tipo de comemoração formal de suas associações, como cerimônias, definição e proteção de sítios ou construção de monumentos. Tal processo de memorialização pode ser formalizado em nível nacional ou até mesmo internacional (ICOMOS, 2020, p. 11, tradução nossa).

distintiva de nossa época, evidenciando uma relação singular com o presente e manifestando o fenômeno do presentismo. Assim, pensar o Memorial da Paz de Hiroshima para o Ensino de História permite “o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4).

Ao abordar patrimônio e monumentos no ambiente escolar, é fundamental entender sua definição e relevância social. Os monumentos criam um diálogo entre passado e presente, possibilitando que os alunos, por meio de pesquisas histórico-culturais, compreendam a historicidade da sociedade. Embora o *Genbaku Dome* esteja fora do espaço cultural brasileiro, perceber múltiplos lugares de memória com seus simbolismos e testemunhas permite entender como o ser humano lida com seu passado e como a cultura histórica se manifesta na consciência histórica e no aprendizado histórico.

A *International Coalition of Sites of Conscience* (Coalizão Internacional de Sítios de Consciência)¹⁴ aborda os lugares de memória que precisam ser constantemente lembrados para evitar a repetição do trauma. Ela discute que o sítio de consciência é uma memória de determinado lugar que impede que as lembranças daquele local sejam apagadas, a fim de promover justiça e reparação social. Através dos visitantes que acessam esse lugar traumático, carregado de sensibilidades, espera-se que eles possam conectar o passado às questões do tempo presente, dialogando com os direitos humanos. Pensando nessa perspectiva, o *Genbaku Dome*, enquanto monumento a partir de um evento traumático, carrega consigo memórias que permitem estabelecer uma cultura de paz, sem esquecer de servir como um catalisador de justiça social, buscando um compromisso no presente com as lições do passado.

Pensar o monumento e seu valor para os estudantes constitui-se de reflexões críticas sobre seu passado e na forma de representação deste espaço para o presente e na expectativa de futuro. Para Hartog (2006), patrimônio serve como uma maneira de enfrentar rupturas e questionar a ordem do tempo, especialmente em períodos de crise. Sua interpretação ao longo da história evoluiu, especialmente após as catástrofes do século XX (podemos mencionar os traumas da Segunda Guerra Mundial e/ou ditaduras, por exemplo), que trouxeram novas dinâmicas de memória e patrimônio.

Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999), a Educação Patrimonial visa criar situações de aprendizado sobre o processo cultural e suas manifestações, estimulando nos alunos o

¹⁴ Disponível em: <https://www.sitesofconscience.org/about-us/about-us-2/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

interesse por questões relevantes em suas vidas pessoais e coletivas. O patrimônio cultural, enquanto sítio de consciência, está associado a valores de cidadania, cultura de paz e direitos humanos, diferenciando-se de outros locais com valores históricos e artísticos. Seu contexto histórico proporciona oportunidades para despertar sentimentos de pertencimento e prevenção da violência, incentivando-os a buscar mais conhecimento.

Considerações Finais

O presente artigo abordou a relação entre a Cultura Histórica e a História Digital na representação e análise de lugares de memória no ensino de história, utilizando como exemplo o Memorial da Paz de Hiroshima. A partir da análise conceitual sobre Cultura Histórica foi possível compreender como os lugares de memória não só preservam o passado, mas também contribuem para a formação da identidade cultural e para a reconstrução de memórias traumáticas. Nesse contexto, o Memorial da Paz de Hiroshima destaca-se como um patrimônio de valor simbólico e histórico, refletindo a capacidade destrutiva das armas nucleares e a esperança por um futuro de paz.

Além disso, o artigo explorou a importância da representação digital do patrimônio como ferramenta da História Digital. Através das mídias digitais, monumentos como o *Genbaku Dome* podem ser preservados e acessados por historiadores e pelo público em geral, promovendo uma nova forma de interação com o passado. A utilização de *softwares* como o *Tropy* na catalogação de imagens históricas exemplifica como a tecnologia pode contribuir para o armazenamento, preservação e análise de acervos digitais.

Ademais, a reflexão sobre a rematerialização dos registros históricos traz à tona a complexidade envolvida na transição do físico para o digital. A digitalização não só amplia o acesso ao patrimônio, mas também impõe desafios metodológicos para os historiadores, que precisam lidar com a reprodução em massa das fontes e garantir a preservação da autenticidade e integridade dos dados. Nesse sentido, a História Digital oferece novas possibilidades de pesquisa, ensino e divulgação, ao mesmo tempo em que demanda uma abordagem crítica e cuidadosa no manejo e interpretação das fontes digitalizadas, assegurando que o valor simbólico e histórico dos patrimônios não se perca no processo de virtualização.

Outrossim, o *Genbaku Dome* exemplifica como os patrimônios históricos e suas representações digitais podem contribuir para o ensino de História, possibilitando reflexões críticas sobre memória, identidade e representação do passado. Como lugar de memória, ele carrega um forte simbolismo ao testemunhar tanto a destruição causada pelas armas nucleares

quanto a resiliência da humanidade em preservar seu legado histórico. Sua materialidade e rematerialização digital permitem que diferentes gerações acessem e interpretem esse patrimônio, fortalecendo o papel da História Digital na disseminação e análise de acervos históricos. Assim, ao integrar o estudo do *Genbaku Dome* ao ensino, promove-se uma abordagem que não apenas preserva a memória do evento, mas também incentiva um olhar crítico sobre a patrimonialização, a virtualização e a função educativa dos monumentos históricos na construção da consciência histórica.

Por fim, as discussões levantadas reforçam a contribuição da História Digital no estudo e preservação de patrimônios históricos, assim como sua influência na construção de memórias e identidades coletivas. O uso de ferramentas digitais não só amplia as possibilidades de acesso e divulgação do patrimônio, mas também exige rigor na validação e contextualização das fontes, a fim de garantir a veracidade das informações e sua pertinência para estudos acerca da Cultura Histórica.

Fontes

ICOMOS. World Heritage List. Hiroshima. No 775. **ICOMOS**, 1996. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/document/154242>>. Acesso em: 25 set. 2024.

ICOMOS. **Sites associated with memories of Recent Conflicts and the World Heritage Convention**. Paris: ICOMOS, 2020.

UNESCO. Hiroshima Peace Memorial (Genbaku Dome). **UNESCO**, 1996. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/775/>>. Acesso em: 25 set. 2024.

UNESCO. The Criteria for Selection. **UNESCO**, [s.d.]. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/criteria/>>. Acesso em: 25 set. 2024.

UNESCO. World Heritage Convention. **Basic Texts of the 1972 World Heritage Convention**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2023.

UNESCO. **Interpretation of sites of memory**. Technical Report. Paris: UNESCO, 2018.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Débora El-Jaick. Redes sociais e história digital. **Revista de Ensino e Cultura**, Pará, n. 44, 2023.

AYERS, Edward. The pasts and futures of digital history. **History News**, v. 56, n. 4, p. 5-9, 2001.

BACA, Murtha. **Introduction to metadata**. Los Angeles: Getty Publications, 2008.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, 2020.

- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 5, p. 165-188, 2014.
- COHEN, Daniel J. *et al.* Interchange: the promise of digital history. **The Journal of American History**, v. 95, n. 2, p. 452-491, 2008.
- GIBBS, Fred; OWENS, Trevor. The hermeneutics of data and historical writing. *In: Writing history in the digital age*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2013, p. 159-170.
- GREVER, Maria; ADRIAANSEN, Robbert-Jan. Historical Culture: A Concept Revisited. *In: CARRETERO, Mario; BERGER, Stefan; GREVER, Maria. Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.
- INTERNATIONAL COALITION OF SITES OF CONSCIENCE. About Us. **International Coalition of Sites of Conscience**. Disponível em: <<https://www.sitesofconscience.org/about-us/about-us-2/>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- LUCCHESI, Anita. **Digital History e Storiografia Digitale**: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011). 2014. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- MAYNARD, Dilton Cândido. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, 2016.
- NOIRET, Serge. História Pública Digital | Digital Public History. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, 2015.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 25 set. 2024.
- REIS, Marina Gowert dos; SERRES, Juliane Conceição Primon; NUNES, João Fernando Igansi. Bens culturais digitais: reflexões conceituais a partir do contexto virtual. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. Santa Catarina: v. 21, n. 45, p. 54-69, 2016.
- REY, Rosario Mascato; CORDEIRO, Gonçalo. Crear una colección digital de prensa para el estudio de las relaciones culturales ibéricas. **Revista de Estudios Comparatistas**. p. 68-84, 2023.
- RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. **Cultura histórica, formação e identidade**: sobre os fundamentos da didática da história. Curitiba, PR: WAS Edições, 2022.